

SEÇÃO ARTIGOS

RACIONALIDADE NEOLIBERAL E PRECARIZAÇÃO: agravamentos no cenário pandêmico¹

NEOLIBERAL RATIONALITY AND PRECARIZATION: escalations in a pandemic context

Victoria Ferreira Oliva²

Universidade Federal Fluminense

victoriafo@id.uff.br

Mariana Covas Costa³

Universidade Federal Fluminense

marianacovas@id.uff.br

Vicente Brêtas Gomes dos Santos⁴

Universidade Federal Fluminense

vicente.bretas@gmail.com

Victor Monteiro da Silva Hennig⁵

Universidade Federal Fluminense

victorhennig@id.uff.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar e problematizar a circulação de trabalhadores urbanos nas ruas em um cenário pandêmico – cenário em que o presidente, Jair Bolsonaro, em uma política genocida, cria condições para o avanço da Covid-19 no país, ao mesmo tempo em que nega o luto à população. A intenção dos autores é de discorrer acerca desses corpos que, em plena pandemia, são compelidos às ruas como única forma – embora contraditória – de garantir a reprodução de suas vidas. Para tal, nos apoiamos em uma pesquisa bibliográfica de autores provenientes de diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

¹ Artigo apresentado pelos autores na II Semana Acadêmica de Geografia (2020) – UFF, Niterói (RJ).

² Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3976-7172>

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (POSGEO/UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3887-4558>

⁴ Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1136-9447>

⁵ Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1506-4704>

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

Visitamos, neste percurso, leituras oriundas do pensamento descolonial e dos feminismos descoloniais, bem como da sociologia do trabalho brasileira e da teoria urbana crítica.

Palavras-chave

Corpo; Trabalho; Covid-19.

Abstract

The present work aims to analyze and problematize the circulation of urban workers on the streets in a pandemic scenario — a scenario in which the president, Jair Bolsonaro, in a genocidal policy, creates conditions for the advance of Covid-19 in Brazil, while denying the mourning to the population. The authors' intention is to discuss the condition of these bodies that, in the middle of a pandemic, are compelled to work on the streets as the only and contradictory way to guarantee their social reproduction. For this purpose, we rely on a bibliographic search of authors from different theoretical and methodological perspectives. We visited, along this journey, readings from decolonial thought and decolonial feminisms, as well as readings from the Brazilian sociology of work and critical urban theory.

Keywords

Body; Labour; Covid-19.

Introdução

A tragédia do Brasil é que os mortos são tratados com a mesma indiferença reservada aos vivos. Quem estuda o morrer sabe que a forma como a morte é tratada reflete o valor reservado à vida. O vírus revelou-nos. De uma vez, como um esparadrapo arrancado com apenas um gesto (BRUM, 2020)⁶.

Ao usar o trecho do artigo da jornalista Eliane Brum sobre a realidade pandêmica do Brasil, publicado em setembro de 2020 no jornal *El País*, optamos por ressaltar a gramática da morte existente no país. Não é a primeira vez que a autora debate o assunto, como em seu livro “A vida que ninguém vê” (2006), cuja argumentação é similar no capítulo “Enterro de pobre”. O argumento da jornalista é claro: “não há nada mais triste do que enterro de pobre (...) porque o pobre começa a ser enterrado em vida” (BRUM, 2006, p. 36).

Em seu artigo, afirma que o vírus alargou a fronteira da precarização dos corpos. Antes os corpos precarizados eram historicamente caracterizados por serem corpos negros, pobres, feminizados, porém a pandemia serviu para escancarar e reforçar as disposições necropolíticas (MBEMBE, 2011) que caracterizam o Estado brasileiro, assim como dinamizam a precarização de novos corpos.

⁶ “Os humanos que o vírus descobriu no Brasil”. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-16/os-humanos-que-o-virus-descobriu-no-brasil.html?event=fa&o=cerrbr>>. Acesso em: 10 set. 2020.

Dessa forma, o presente artigo busca criticar e questionar os rumos tomados para o controle dos casos de coronavírus. Nesse sentido, o recorte metodológico optado recai sobre os trabalhadores urbanos, em especial os informais e os trabalhadores de rua, que necessitam manter-se em circulação para garantir a reprodução de suas vidas. Em um país onde os índices de desemprego estão cada vez mais altos⁷ e o trabalho cada vez mais precarizado, qual seria a fórmula para garantir saúde, renda e direitos para a classe trabalhadora?

Para responder questionamentos importantes neste período, como “quem são esses sujeitos?”, e contribuir com dados sobre o cenário de desemprego no país, contamos, principalmente, com notícias e dados provenientes de pesquisas do IBGE. Além disso, é válido ressaltar que a pandemia da Covid-19 desencadeou nas ciências um importante desafio: a necessidade de pensarmos as transformações sociais decorrentes da atual crise sanitária em conjunto, posto que se tratam de fenômenos articulados e de grande complexidade. Dessa forma, este artigo contou com o exercício de buscar contribuições de linhas teórico-metodológicas distintas.

Os debates acerca do corpo e do trabalho, sobretudo, vêm recebendo novas nuances a partir de diferentes vertentes epistemológicas, como os feminismos descoloniais, que colocam a escala do corpo em questão, além das discussões acerca das novas modalidades de trabalho que estão sendo expandidas com a *uberização* da vida. Entendemos, além disso, que o fenômeno de precarização dos corpos que está sendo apontado neste artigo tem seu substrato no espaço urbano brasileiro e nas contradições inerentes ao mesmo.

O próprio espaço metropolitano brasileiro põe em xeque as possibilidades de mitigação face às grandes crises sanitárias, como a atual. Tendo isso em vista, a chamada “urbanização com baixos salários” (MARICATO, 1996), que caracterizou o crescimento das grandes metrópoles nacionais ao longo do século XX, levou a um cenário contraditório de concentração espacial da riqueza, dos equipamentos infraestruturais e

⁷ O cenário de desemprego no país é alarmante. Segundo dados fornecidos pelo IBGE em 6 de agosto de 2020, o país perdeu 8,9 milhões de postos de trabalho durante os três primeiros meses de pandemia, e o número de ocupados no Brasil atinge menor nível da série histórica. Em junho, o desemprego havia subido 13,3%. Para mais informações: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/08/06/desemprego-sobe-para-133percent-em-junho-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 11 out. 2020 .

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

dos postos de trabalho formais, ao passo que a maior parte do contingente populacional, empobrecido e impossibilitado de garantir habitação perto das áreas economicamente dinamizadas, assentou-se nas periferias urbanas – áreas pouco cobertas pelas estruturas básicas de reprodução da vida (equipamentos médico-hospitalares ou de mobilidade, por exemplo).

Seus habitantes são, dessa maneira, impelidos a uma rotina baseada em deslocamentos extenuantes. Não que tal fenômeno seja novidade no cotidiano nacional. Ocorre, entretanto, que é justamente nessas situações-limite que as engrenagens do sistema demonstram sua implacabilidade, oferecendo perspectivas para reflexão acerca do momento que enfrentamos e dos caminhos civilizatórios alternativos. Este artigo se propõe a isso.

Corpos em precarização

A juízo da autora Isabell Lorey (2018), a banalização da precarização é um traço cada vez mais fundante da sociedade contemporânea, sendo intrinsecamente relativo à necessidade de reprodução da vida a qualquer custo. Isso quer dizer que, no atual modo de produção capitalista, a racionalidade neoliberal, o binômio insegurança e liberdade, e a governabilidade se articulam, tornando a precarização uma técnica de governo cada vez mais normalizada. Lorey, baseada na dimensão sócio-ontológica da vida e dos corpos⁸, afirma que, quando se adota a condição precária enquanto referencial, não se refere “a uma constante antropológica, a nenhum estado trans-histórico do humano, mas a uma circunstância que é passível de ser atribuída a seres vivos humanos e não humanos” (LOREY, 2019, p. 29. Traduzido pelos autores).

Nesse cenário, a autora denuncia os entramados de vidas precarizadas que existem e que foram atribuídos aos sujeitos, apontando a grande heterogeneidade existente entre os sujeitos precarizados. Nesse sentido, a autora também aponta o rompimento da seguridade da nossa sociedade, em que a agressividade do neoliberalismo contemporâneo fragiliza a fronteira entre a classe média e os sujeitos precarizados. A classe média que,

⁸ Veja BUTLER, J. *Frames of War: When Is Life Grievable?* London /New York, 2009.

nessa perspectiva, suporia certas condições de reprodução, se encontra cada vez mais próxima à condição de sujeitos precarizados.

De certa forma, o neoliberalismo reinseriu o trabalho na análise econômica sob ponto de vista do indivíduo. Segundo Foucault (2008), a noção de economia no neoliberalismo transcende a análise clássica do trabalho e evidencia o comportamento humano e sua racionalidade. Assim, o indivíduo não é mais figurante nos processos de troca, mas se torna empresário de si mesmo – ou seja, ele é o seu próprio capital, seu produtor e sua fonte de renda.

O debate sobre a circulação de trabalhadores (em especial os informais) nas ruas durante a pandemia cabe a essa perspectiva. Portanto, como ponto inicial, tomemos a escala do corpo, um nível decisivo nas relações de poder (QUIJANO, 2010). Ao observarmos os deslocamentos de corpos pela cidade durante a pandemia, torna-se evidente o ponto do autor, que coloca a racionalidade política sobre o uso e o consumo de corpos em evidência e nos leva a questionar: quem são esses corpos que estão na rua? Por que esses sujeitos foram coagidos a colocar seus corpos à prova?

Pode-se atribuir como resposta à segunda pergunta o que Federici (2017) coloca em seu livro, “Calibã e a Bruxa”, como o nascimento do corpo. Olhando para trás, a autora afirma que o corpo, no século XVII, nasce e morre. Isto é, o corpo, enquanto relação orgânica e específica, se tornaria “um significante das relações de classe e das fronteiras movediças, continuamente redesenhadas, que essas relações produzem no mapa da exploração humana” (FEDERICI, 2017, p. 284). Desse ponto em diante, segundo a autora, a racionalidade cartesiana da época tratou de difundir no corpo social um poder descentralizado baseado no autocontrole sobre si, o que proporcionou um discurso legitimador do adestramento dos corpos a favor do trabalho.

O atual desenho da fronteira no mapa da exploração humana é caracterizado por algo que vai além do autocontrole, mergulhando no “empresariamento de si”. A racionalidade neoliberal, tanto em forma de subjetividade quanto em forma de governabilidade, torna os sujeitos – e conseqüentemente seus corpos – seu próprio capital humano. Foucault, ao formular essa noção do “empresariamento de si”, responde a nossa questão ao afirmar que:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

O *homo economicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo economicus* parceiro da troca por um *homo economicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo a fonte de sua renda (FOUCAULT, 2008, p. 311).

Sendo assim, explica-se a formação de um apanhado de sujeitos que, para se inserirem nessa lógica brutal de competição e produtividade, necessitam expor seus corpos a uma pandemia. Além disso, para Gago (2020), as formas ampliadas de extrativismo popular são formas dedicadas à extração da vitalidade popular por meio do endividamento massivo em territórios urbanos e suburbanos. Esse conceito colabora na compreensão da articulação existente entre o trabalho e a dívida, resultando na exposição de trabalhadores nas ruas.

Ao transcorrer sobre como a financeirização da vida interfere nos corpos, Gago (2020) refere-se também ao modo no qual as finanças e as novas formas de violência se veem articuladas, com os corpos vulnerabilizados na rua tornando-se mão-de-obra de uma nova modalidade de exploração. Para isso, além do prisma do endividamento, a autora introduz a análise do trabalho por uma perspectiva feminista, em que orienta a necessidade de pensarmos em outras formas de trabalho – como o trabalho do cuidado, o trabalho reprodutivo não remunerado e as diversas formas de trabalho não assalariado. Sendo assim, o endividamento – sobretudo dos trabalhadores não assalariados – se torna um dos fatores que elucidam a presença de tantos corpos nas ruas e consolida a dívida enquanto “dispositivo privilegiado de extração de valor no capitalismo” (GAGO, 2020).

Gago (2020), portanto, começa a responder a primeira pergunta: quem são esses corpos? Como os dados apontam, grande parte desses corpos são trabalhadores não assalariados que necessitam correr para prover as condições básicas para reprodução de suas vidas e a de suas famílias. São diversos sujeitos, sobretudo trabalhadores e trabalhadoras não assalariados, mães, corpos feminizados, negros e pouco qualificados que se apresentam como maiores protagonistas dessa situação, assim como figuras mais vulneráveis ao contágio da Covid-19. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2018, realizada pelo IBGE⁹, os pretos ou pardos são 7% desses brasileiros, enquanto as mulheres brancas solteiras com filhos representam 8% e as negras 12%. Os dados ainda traçam uma comparação de acordo com a qualificação dos sujeitos, sendo maior entre sujeitos com o fundamental incompleto (6,8%).

Articula-se a isso, também, suas condições de habitação. A pesquisa afirma que a superlotação das habitações é uma realidade comum entre os brasileiros, estando 11,5 milhões de brasileiros morando em casas superlotadas. Os dados sobre a habitação endossam a dificuldade de alguns indivíduos se protegerem da pandemia via isolamento social e trabalho remoto. São esses mesmos sujeitos que, em maioria, apresentaram dificuldades de gerar renda o suficiente para sua família dentro desse cenário.

Quando pensamos nos moradores de favela, de acordo com a pesquisa Data Favela/Instituto Locomotiva¹⁰, divulgada em março de 2020, o trabalho é fonte de renda para 71% dos moradores, porém esse trabalho majoritariamente (47%) é feito por conta própria ou por profissionais liberais, dando vida ao conceito de “empresariamento de si”. Além disso, os dados apontam para 10% de desemprego e 8% de trabalhadores sem carteira assinada, com somente 19% dos moradores de favela com contrato de trabalho formal. Ou seja, a precarização, enquanto forma de governo, se demonstra intensificada durante a pandemia, em que a ausência de seguridade estatal para com esses profissionais se torna ainda mais problemática.

Dessa forma, são criadas configurações espaciais de inclusão precária, em que o mapa da exploração humana se traduz de forma prática no espaço urbano brasileiro. Enquanto existem espaços da cidade em que a ausência de corpos nas ruas demonstra a condição de trabalho, habitação e aporte financeiro de seus moradores (no caso, moradores com alguma seguridade, provavelmente assalariados em regime de *home office*), existem outros espaços onde a necessidade de alimentar suas famílias não permitiu que alguns corpos se resguardassem.

⁹ Mais dados da pesquisa estão disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/115-milhoes-de-brasileiros-moram-em-casas-cheias-em-meio-a-pandemia-de-covid-19.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2020.

¹⁰ Para maiores informações, acessar: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-28/sem-aco-especificas-86-dos-moradores-de-favelas-vao-passar-fome-por-cao-do-coronavirus.html>>. Acesso em: 11 out. 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

A pandemia e o “pandemônio”

“Antes da pandemia nós já vivíamos o pandemônio, a pandemia só intensificou o pandemônio (...) todos são pelo fim da pandemia, mas nem todos querem o fim do pandemônio” (GALO, 2020)¹¹.

A fala de Galo, motoboy e entregador antifascista, revela a brutal realidade da maior parte da população brasileira que, desde muito antes da pandemia, já estava submetida a um cotidiano marcado pela ausência de proteção social, pelas formas precarizadas de trabalho e pela batalha diária para a reprodução da vida social e material.

No livro “A Cruel Pedagogia do Vírus”, Boaventura de Souza Santos (2020) traça uma análise a partir daqueles que estão ao Sul da quarentena¹², lançando um olhar sobre os sujeitos que, por serem vítimas de múltiplos processos de dominação inerentes ao sistema capitalista e à sociedade neoliberal, estão na ponta de lança de mais uma hecatombe: agora de origem viral.

O autor aponta para a necessidade de prestarmos muita atenção aos grupos situados nas sombras da visibilidade — ou seja, aos grupos que historicamente sofrem com os processos de invisibilidade e apagamento. Segundo ele, momentos de crise intensificam tais sombras de forma que “as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela” (SANTOS, 2020, p. 9).

Nesse contexto, Boaventura elenca uma lista de grupos sociais que se localizam a sul da quarentena – e que já viviam o “pandemônio” –, apontando para sujeitos que, de diferentes formas e escalas, experimentam intensamente as cruéis consequências do isolamento social e/ou da impossibilidade de praticá-lo. Entre esses grupos, destacamos aqui dois: “os trabalhadores informais, precários, ditos autônomos” (SANTOS, 2020, p. 16) e “os trabalhadores da rua” (SANTOS, 2020, p. 17), que se incorporam, por exemplo,

¹¹ Entrevista concedida ao Portal Carta Maior. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/Entregadores-antifascistas-os-trabalhadores-de-aplicativo-se-organizaram-e-prometem-abalar-as-estruturas-neoliberais-/47/47959>>. Acesso em: 21 set. 2020.

¹² Segundo as palavras do próprio autor, “O Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, p. 15)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

aos trabalhadores de aplicativos de transporte e entrega, aos vendedores ambulantes, aos mototaxistas, aos feirantes, entre outros.

O trabalho informal precarizado sempre foi uma realidade em países do Sul global, no entanto, no contexto de reformas neoliberais, a corrosão dos direitos ganha um caráter institucional e passa a ser legalizada (ANTUNES, 2018). Segundo a PNAD Contínua, referente aos meses de janeiro, fevereiro e março de 2020, antes da pandemia ganhar os drásticos contornos brasileiros, a taxa de desocupação no país era de 11,6% (12,3 milhões de pessoas) e, entre os brasileiros ocupados, 40,6% encontravam-se na informalidade (38 milhões de pessoas)¹³. Tais dados são reveladores da situação de um país onde a classe trabalhadora, além de hiperexplorada, sofre cotidianamente com a espoliação de direitos básicos por ela conquistados, tornando-se, obrigatoriamente, empresária de si – e arcando com todos os riscos e custos envolvidos nessa dinâmica de sobrevivência.

O outro grupo aqui destacado, os trabalhadores da rua, que corresponde aos sujeitos que dependem do espaço da rua para gerarem sua renda e garantirem a reprodução de suas vidas e famílias. Diante da necessidade de praticar um isolamento social, tais trabalhadores encontram-se diante de um dilema: se expor ao risco de contágio pelo vírus na rua ou morrer de fome?

A impossibilidade de praticar o isolamento social é a realidade de grande parte da classe trabalhadora brasileira, que não teve o direito de se proteger do iminente risco de contágio. Sendo o isolamento a forma mais eficaz de proteção contra o vírus¹⁴, as pessoas que precisam trabalhar nas ruas – ou pegar transporte público lotado para chegarem aos seus locais de trabalho – encontram-se diante do brutal paradoxo que é sair de casa e trabalhar, expostos ao vírus, para garantir sua sobrevivência e de sua família, bem como da sociedade no geral, que depende do trabalho dos sujeitos que se encontram na linha de frente e que garantem a produção, a distribuição, o atendimento aos doentes, o transporte público, entre outros serviços essenciais para a reprodução da vida de todos.

¹³ Dados disponíveis em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=quadro-sintetico>>. Acesso em: 26 set. 2020.

¹⁴ CAZARRÉ, M. Opas defende o isolamento social como melhor opção de combate à covid-19. **Agência Brasil**, 31 mar. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/opas-isolamento-e-melhor-opcao-para-evitar-consequencias-graves>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

Realizando um esforço de exemplificação, podemos pensar nos entregadores de aplicativos digitais como um grupo laboral especialmente afetado. São, simultaneamente, trabalhadores de rua e trabalhadores informais, que podem ser vistos como o protótipo do trabalho precário, vulnerável e sem proteção.

O cotidiano e a luta dos entregadores de aplicativos ganharam muita visibilidade durante a pandemia. Apesar do trabalho desses sujeitos ser extremamente perverso desde sua origem, a pandemia escancarou e agravou tais perversidades. A rotina desses trabalhadores é marcada por dezenas de quilômetros de deslocamentos diários, sobre uma moto ou bicicleta, em busca de pedidos por entregas que podem ou não aparecer. Esses trabalhadores estão expostos não apenas ao vírus, mas a todas as consequências de um trabalho extremamente exaustivo, de uma mobilidade urbana precária e da falta de garantia e direitos.

Segundo relatório da Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista, gerado a partir de uma pesquisa feita com 270 entregadores que já trabalhavam nos aplicativos antes da pandemia e continuam trabalhando nesse momento, geralmente os entregadores têm trabalhado mais durante a pandemia (passado uma maior quantidade de horas na rua) e ganhando menos por isso. Entre os entregadores que participaram da pesquisa, 62% estão trabalhando mais de 9 horas diárias e 78,1% trabalham 6 ou 7 dias por semana¹⁵. Com base nessa pesquisa, podemos rapidamente entender a lógica do grande capital e das novas empresas-aplicativos que dele se originam, que é a de garantir seus lucros crescentes em cima de uma redução constante do preço da força de trabalho.

Não é novidade para ninguém que o capitalismo, sobretudo na atual fase de contornos neoliberais e flexibilização de tudo, tem como seu foco principal o aumento de seus lucros. Quando o lucro é priorizado em detrimento da vida, a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 1999) é a primeira a sentir a precarização de seus corpos, o descaso com a vida e a iminência da morte. No entanto, quando as contradições são percebidas, a organização dos trabalhadores e a luta de classes ocorre quase que de forma orgânica – como está acontecendo agora com a categoria dos entregadores.

¹⁵ Os resultados da pesquisa foram publicados no artigo Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a COVID-19, na Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento, disponível em: <<http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/74>>. Acesso em: 26 set. 2020

Nesse sentido, pensar em outra sociedade e em outras formas de vida é urgente e vai muito além da pandemia. Se o “pandemônio” já era uma realidade antes da pandemia, ele também é responsável por seu agravamento. A insegurança proveniente tanto da ausência de proteção social quanto da impossibilidade de alguns sujeitos se protegerem do vírus – pela necessidade de estarem presentes nas ruas para a garantia da sobrevivência –, além das precárias condições de moradia e saneamento básico em muitas periferias brasileiras, foi, sem dúvidas, um fator de grande influência na tragédia vivida no Brasil durante a pandemia de Covid-19.

Considerações finais

Como assinalado por Eliane Brum (2006; 2020), a banalização da morte na sociedade brasileira só pode ser apreendida em sua profundidade se considerarmos que há também uma generalização de processos de abuso e de precarização da vida. A crítica das formas de violência (sejam materiais ou simbólicas), aponta Butler (2009), deve começar com a questão da representação da vida como tal.

Neste artigo, consideramos que as bases fundamentais da sociedade brasileira se estruturam em torno de concessões seletivas de reconhecimento da condição de ser vivo, o que implica também uma distribuição seletiva do luto e das capacidades de defesa em face ao perigo: se as classes médias e altas podem se encastelar em seus apartamentos e condomínios, protegidas da transmissão do vírus, ao mesmo tempo em que uma parcela significativa da população circula em transportes lotados, é porque, no final das contas, a vida dessa população tem valor meramente funcional na visão dominante.

O capitalismo – em especial sua face periférica – realiza-se a partir da atualização das formas de animalização da força de trabalho, produzindo sempre novos aspectos da precarização. Se a condição de humanidade não se estende à totalidade do corpo social, as condições mínimas de bem-estar social são, também, incipientes. A arquitetura histórica do capital no Brasil, somada ao ativo desdém por parte do Executivo Federal no contexto da pandemia de 2020, produziu, para todos os efeitos, uma apoteose viral. Uma carnificina silenciosa, contra a qual poucos têm o direito de ao menos tentarem se defender.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544

O que o vírus revelou foi uma cesura no corpo social brasileiro, uma fenda abissal que parece ser justamente o terceiro reino entre a vida e a morte do qual fala Agamben (2008), no qual os súditos não se encontram nem exatamente vivos, nem totalmente mortos – uma inscrição da vida em uma zona morta e da morte em uma zona viva. É justamente nesse reino da indistinção, governado pela racionalidade capitalista em sua versão neoliberal, que os corpos vulnerabilizados, em busca de sustento, se veem obrigados a atravessar a cidade em meio à maior crise sanitária de nossos tempos. Talvez seja esse o aspecto mais fúnebre do vírus.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRUM, E. Enterro de pobre. In: BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, pp. 36-39.
- BRUM, E. Os humanos que o vírus descobriu no Brasil. **El País**, 16 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-16/os-humanos-que-o-virus-descobriu-no-brasil.html?event=fa&o=cerrbr>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAGO, V. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020
- GALO, P. L. Entregadores antifascistas: os trabalhadores de aplicativo se organizaram e prometem abalar as estruturas neoliberais. [Entrevista concedida a] Monterastelli, A. e
- SERAFINI, M. **Carta Maior**, 2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/Entregadores-antifascistas-os->

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaaios de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

trabalhadores-de-aplicativo-se-organizaram-e-prometem-abalar-as-estruturas-neoliberais-/47/47959>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOREY, I. **Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

MARICATO, H. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASSEY, D. **For Space**. London: Sage, 2005, pp. 147-195.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Melusina, Tenerife, 2011.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.;

MENESES, M. (eds.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, S. B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVA, Victoria Ferreira; COSTA, Mariana Covas; SANTOS, Vicente Brêtas Gomes dos; HENNIG, Victor Monteiro da Silva. Racionalidade neoliberal e precarização: agravamentos no cenário pandêmico. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 14, pp. 227-239, maio-agosto de 2021.

Submissão em: 17/11/2020. Aceito em: 27/05/2021.

ISSN: 2316-8544